



Tensão racial no ambiente escolar: uma análise sociológica sobre os Escritores da Liberdade

Érika Catarina de Melo Alves

Doutoranda de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade - CPDA-UFRRJ. E-mail: erikacmalves@gmail.com.

Marcos Diallyson Farias da Silva

Professor de Língua Inglesa e de Leitura e Produção Textual da Escola Cidadã Integral “Assis Chateaubriand”, Secretaria de Educação do Estado da Paraíba.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo realizar uma inflexão sobre o filme *Escritores da Liberdade* (Freedom Writers, EUA, 2007). Anotando o contexto social e político pelo qual esta narrativa transcorre e os conflitos sociais e raciais que confrontavam o cotidiano escolar. A película é fruto da experiência da professora Erin Gruwell, na sala 203 de uma escola em Long Beach, Califórnia. Ao encarar sua primeira turma de alunos, considerados pela administração da escola como adolescentes "em risco" ou "problemáticos", a protagonista consegue construir uma relação professor-aluno onde a escrita e a literatura ganham espaço e transformam vidas.

Palavras-chaves: Escritores da Liberdade. Tensão Racial. Conflito.

Abstract

This work aims to make an inflection about the film *Freedom Writers* (USA, 2007). Noting the social and political context through which this narrative takes place and the social and racial conflicts that confronted the daily school. The film is the result of the experience of Professor Erin Gruwell, in room 203 of a school in Long Beach, California. When faced with her first class of students, considered by the school administration as "at risk" or "problematic" adolescents, the protagonist manages to build a teacher-student relationship where writing and literature gain space and transform lives.

Keywords: Freedom Writers. Racial tension. Conflict.

Introdução

Em 1999, a professora norte-americana Erin Gruwell publicou o livro autobiográfico intitulado, *The Freedom Writers Diary: How a Teacher and 150 Teens Used Writing to Change Themselves and the World Around Them*, que se tornou um *best seller* de sua época. Oito anos depois a sua história foi adaptada para as telas de cinema, sob o título de *Escritores da Liberdade (Freedom Writers, EUA, 2007)*. Neste trabalho, pretendemos analisar este filme numa perspectiva sociológica, pontuando categorias analíticas como o conceito de conflito esboçado por Georg Simmel.

Para tanto, cabe colocar para os leitores alguns movimentos desta nossa inflexão sobre a filmografia em questão. Em um primeiro plano, apresentaremos os aspectos da narrativa, seus personagens, discursos e diálogos. No momento seguinte, como estes aspectos podem provocar reflexão sobre as relações humanas para além da sala de aula. Acreditamos que ao explicitar, ou mesmo, ao disponibilizar outras formas de interações nas moldagens de ensino, seja na disciplina de Sociologia ou nas suas interdisciplinaridades e intersecções, podemos conformar no corpo estudantil questionamentos sobre a realidade social que os cerca. Deste modo, ao usar a película cinematográfica em questão podemos perceber que determinados conceitos tão caros para as Ciências Sociais, como sociabilidade, conflito e identidade podem ser percebidos e usados para além da forma convencional de lecionar e atuar como docentes em nossas esferas educacionais.

A narrativa e os conflitos

A indústria cinematográfica norte-americana já produziu muitos filmes sobre escolas, mas *Escritores da Liberdade* é de algum modo distinto dos demais, pois este insere os alunos num universo de construção de narrativas sobre si próprios. Esta construção só é possível devido à articulação didática da protagonista, a professora Erin Gruwell. Novata na carreira, Erin é inserida no Instituto Wilson, uma escola que outrora viveu uma fase de excelência acadêmica e se vê confrontada com a nova realidade da ação administrativa compulsória de integração racial nas escolas de alto nível.

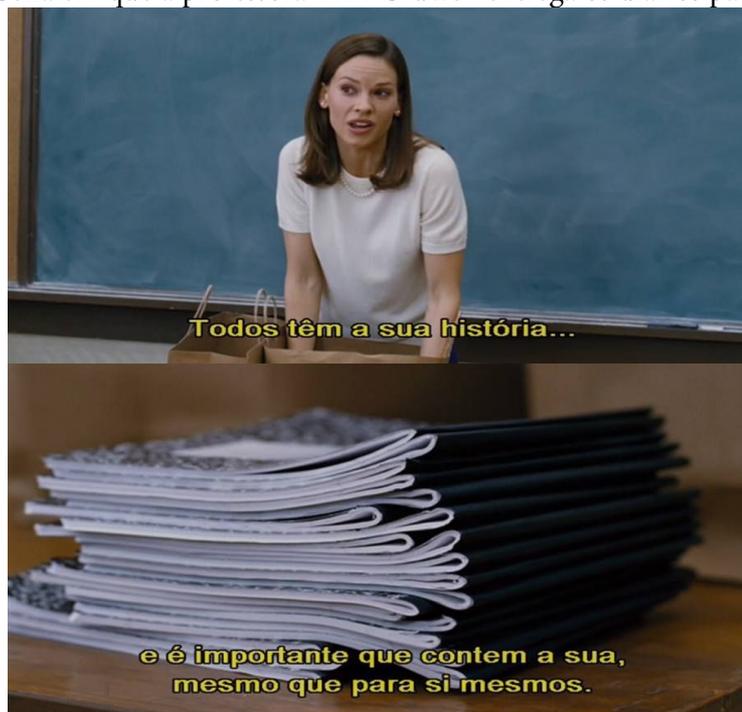
Trata-se essencialmente de uma personagem sonhadora e romântica. Com a tarefa de lecionar Língua Inglesa e Literatura para uma turma de adolescentes resistentes ao molde do ensino convencional, Erin convive com alunos marcados pela violência e os conflitos entre as suas gangues.

No primeiro dia de aula ela é recepcionada por resistência e preconceito, uma realidade que a choca. A indiferença em sala de aula fica mais acentuada quando esta percebe que o corpo de professores e diretores não estão abertos a acolherem os alunos de baixo rendimento escolar. Para muitos dos colegas da profissão de Erin, os novos alunos expulsaram os bons estudantes da escola, transformando aquele ambiente escolar em caótico e marginalizado.

O cenário apresenta um realismo social que confronta as perspectivas românticas da protagonista. O cotidiano escolar é marcado pelas brigas de gangues aguçadas pelas questões íntimas dos personagens. O corpo discente carrega consigo uma vida exterior ao da escola, vida esta marcada pelas tensões raciais e pelos conflitos familiares. A classe da professora Erin Gruwell era uma combinação de afro-americanos, de latinos, de cambojanos, de vietnamitas, entre outros. Todos de alguma maneira conviviam com vizinhanças agressivas e participavam de gangues de rua em *Long Beach*. O momento chave do filme é quando a protagonista recolhe inesperadamente de um dos alunos a caricatura esboçada para denegrir e humilhar um dos estudantes negros da sala. Ao fazer um discurso inflamado contrastando os preconceitos expressos pelos grupos de alunos uns com os outros, a personagem faz um paralelo entre a gravura feita em sala de aula com as que os jornais e panfletos alemães faziam com os judeus na ascensão do fascismo. Para sua surpresa ao mencionar a palavra holocausto, um estudante confuso a interroga sobre o que seria o holocausto.

Este momento-chave desencadeia transformações na relação professor-aluno no filme. Ao perceber que sua função docente deve ir para além da sala de aula, Erin leva seus alunos para visitar o museu da tolerância. A experiência extra classe possibilitou ao alunado a compreensão dos efeitos traumáticos da ideologia nazista, descrita pela professora como a “grande gangue” que provocou a Segunda Guerra Mundial culminando no holocausto. O exercício fez com que os alunos criassem empatia com os sobreviventes e também a reconhecerem as semelhanças com suas “pequenas gangues” da vida real. Outro método utilizado pela professora foi à entrega de um caderno para cada aluno para que todos pudessem escrever, diariamente, sobre suas próprias vidas.

Imagem 1: Cena em que a professora Erin Gruwell entrega os diários para seus alunos.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/659707045390335606/?lp=true>.
Acessado em: 28 de março de 2019.

Dentre tantas outras tentativas para instigar seus alunos para a leitura e produção textual, Erin usou as letras de hip hop e textos de ficção, mas a leitura do livro *O Diário de Anne Frank* foi a mais surpreendente. A trágica história de Anne despertou nos alunos laços de identificação e empatia, mesmo que muito embora estes tenham vivido em épocas diferentes, a leitura proporcionou encontros imaginários, onde cada aluno poderia desenvolver atos de tolerância para com o “outro”. Outra característica interessante deste filme é que assim como alguns alunos são colocados em relevo, mostrando suas vidas e conflitos domésticos e com a vizinhança, a vida particular de Erin ganha destaque na trama.

Graduada em Direito, Erin se torna professora, o que não agrada seu pai e muito menos seu marido. Sua ingenuidade e timidez tão transparentes no início do filme e no transcorrer na narrativa estes sentimentos deixam espaço para sua curiosidade e determinação. Em nenhum momento a protagonista e sua vocação para o magistério aparecem prontos, essas habilidades são construídas na medida em que os desafios vão surgindo. Um desses obstáculos aparece quando a personagem lida com os tramites da burocracia e o conservadorismo dos funcionários daquele sistema pedagógico.

Como tantos outros filmes sobre turmas problemáticas e escolas atravessadas pela violência, a professora Erin toma sua tarefa de educar e civilizar aquele grupo tão estigmatizado como “marginais” pelos demais professores. O envolvimento e a metodologia aferidos pela protagonista

foram capazes de mudar, através da literatura e da escrita, a trajetória escolar dos seus 150 alunos. Os alunos da classe 203 se auto-intitularam de Escritores da Liberdade em homenagem aos ativistas dos direitos civis, os “Cavaleiros da Liberdade” (*Freedom Riders*), grupo composto por jovens negros e brancos, intelectuais e religiosos, que partiram em caravanas do norte dos Estados Unidos na década de 1960 em direção ao Sul, para pressionar e protestar pelo fim da segregação racial.

A abordagem de ensino de Erin é simultaneamente um ato político e ético, porque tem como objetivo transformar os alunos passivos em seres humanos que podem exercitar o pensamento crítico sobre a realidade de seus atos. As propostas das dinâmicas em sala de aula provocaram naquele grupo uma reflexão sobre as situações e posições na trajetória de cada um. Os relatos de vida em forma de escrita saíram dos textos originais dos diários de classe para as telas do cinema, nesses trechos podemos perceber como o universo do colégio não pode ficar dissociado das rachaduras sociais que envolvem a sociedade envolvente.

Se fosse por mim eu nem aparecia na escola, meu oficial de condicional me ameaçou dizendo que era a escola ou o reformatório, babaca, ele acha que os problemas que rolam em Long Beach, não vão me afetar em Winston. O infeliz não entende que as escolas são como as cidades, e a cidade como uma prisão, todas elas divididas em seções separadas dependendo das tribos. Tem o pequeno Camboja, o gueto, a 'branquelândia' e nós do sul da fronteira, ou pequena tihuana as coisas são assim e todo mundo sabe. O negocio é esse: uma tribo tentando se apossar do território do outro é tomar o que não é dela. (Escritores da Liberdade, EUA, 2007, 14' 06).

A personagem Eva, de origem latina, coloca em relevo as diferenças entre os grupos na escola e como estes já disputam territorialidades nas ruas em formas de gangues. Eva levanta o questionamento para Erin para quê serve aprender um conteúdo abstrato se este não tem utilidade para melhorar sua vida real. Outro anota que o fato de ser professora “branca” não é suficiente para ele respeitá-la.

Se analisarmos bem esses conflitos, não apenas pelo aspecto da tensão racial que os impregna, mas numa perspectiva que coloca o conflito como meio de sociação, podemos aprofundar algumas questões que a produção cinematográfica evoca. Revisitemos, portanto, o conceito de sociação em Georg Simmel (1983). Primeiro ponto, para este pensador, o indivíduo é o fundamento dos grupos humanos. Em outras palavras, é nas interações entre as pessoas que encontramos os domínios da vida social. Deste modo, a sociedade é resultado das ações e reações entre os indivíduos, ou seja, não é estática e não cabe a sociologia como ciência substancializá-la. A multiplicidade de interações faz a sociedade acontecer. Outro ponto, para este autor a sociação não é sinônimo de socialização. Este conceito é, entretanto uma “forma, realizada de diversas maneiras, na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual realizam seus interesses” (SIMMEL,

1983, p. 60). Essas distintas formas podem se configurar em interações aproximação ou distanciamento, conflito ou convergência, e etc.

Simmel (1983) explicita, desta maneira, uma ótima ferramenta de análise para entender os conflitos que atravessam os personagens em questão. Colocando em relevo as interações sociais como elos que aglutinam ou distanciam suas individualidades, o conflito como categoria de análise é fundamental para a socialização, e não deve ser percebido com negatividade, mas como elemento que pode oferecer um tipo de lupa para a compreensão da produção e reprodução da vida em sociedade. Destacamos que o autor coloca como exemplo a vida urbana, ambiente propício para “a extensão da antipatia, o ritmo de sua aparição e desaparecimento, as formas pelas quais é satisfeita, tudo isso, a par de elementos mais literalmente unificadores, produzem a forma de vida metropolitana insolúvel; e aquilo que à primeira vista parece desassociação, é na verdade uma de suas formas elementares de socialização” (SIMMEL, 1983p. 128). Mesmo se tratando de um momento específico na história de uma cidade e de um país, a sala 203 traz à tona os desafios de lecionar na escola contemporânea. Erin confrontou estes questionamentos nas suas primeiras aulas, o que a levou a reconhecer os grupos e seus conflitos.

Reconhecendo os conflitos, ela devolve aos alunos esse reconhecimento recheado de pensamento crítico, fazendo-os reconhecer, sentir e pensar sobre a sociedade que os cerca. Ela não os aceita como sujeitos passivos e aponta que todos possuem responsabilidades pelas suas escolhas e principalmente, são responsáveis pelos atos de exclusão para com os diferentes. Sua ação pedagógica ativa conceitos de ética e liberdade a partir da expressão dos sentimentos na forma da leitura, escrita e raciocínio crítico.

A tarefa fundamental do pensar é descongelar as definições que vão sendo produzidas, inclusive pelo conhecimento e pela compreensão e que vão sendo cristalizados na história. A tarefa do pensar é abrir o que os conceitos sintetizam, é permitir que aquilo que ficou preso nos limites da sua própria definição seja liberado. É livrar o sentido e o significado dos acontecimentos e das coisas da camisa-de-força dos conceitos (CRITELLI, 2006, p. 80).

Escritores da Liberdade é um filme de manifesto por uma educação que evoca o ato de pensar, com todos os seus riscos, pois a ausência de sensibilidade crítica tem como efeito o não comprometimento ou o não se responsabilizar por suas ações. Para tanto, e mesmo com as amarras administrativas do sistema escolar em que estava envolvida, a protagonista lançou mão de outros dispositivos, os criando e recriando. Ler, escrever e elaborar discernimentos sobre fatos históricos, ou mesmo sobre o cotidiano de cada um, de certa forma operou “como obstáculo para aqueles que não se decidiram a ser maus não cometam maldades” (CORREIA, 2006, p.50).

O Instituto Wilson, palco da trama do filme, pode ser visto como reflexo da crise educacional que vivemos na atualidade, como a incapacidade dos colégios e suas metodologias de provocarem os seus alunos para pensar, e a perda da autoridade dos pais e docentes, tal como apontou Hannah Arendt em *A crise na educação* (2001). Este é o cenário, propício para que os jovens estudantes fiquem sujeitos á tirania de uma maioria qualquer, que tanto pode ser o seu próprio grupo/gangue/tribo social ou não, e até mesmo de um líder com forte teor carismático e populista. Os debates travados em sala de aula desmarcaram o ressentimento que os alunos carregavam uns com os outros, sentimento adicionado a falta de reflexividade sobre si próprios.

Erin Gruwell consegue criar um campo propício para a reflexão dos conflitos dos seus alunos. O desfecho do filme é realmente as cenas pós-credito, ali o expectador acompanha os resultados dos esforços da professora em construir diálogos para dentro e fora do ambiente escolar, reconhecendo as diferenças raciais e os conflitos existentes no universo de cada aluno. O exercício da leitura e escrita nos diários doados por ela se transformou no seu livro e inspirou a produção cinematográfica. A partir daquelas experiências, Erin cria uma fundação, a *Freedom Writers Foundation*, que serve de amparo educacional para estudantes em situações de risco e vulnerabilidade social. Inspirada pelas histórias de vidas de seus alunos da sala 203 do Instituto Wilson, pelas marcas que estes apresentavam de criminalidade e violência em suas famílias e de suas comunidades e como estes estavam expostos aos conflitos de gangues, detenção juvenil e tráfico de drogas, Erin partiu para auxiliar outros jovens por meio de sua fundação que contou com a participação ativa de seus ex-alunos.

Imagem 2: A verdadeira Erin Gruwell (na primeira fila, vestida com camisa rosa) e seus alunos.



Cada um dos 150 alunos de Erin completou o ensino médio na escola e a grande maioria seguiu para a faculdade. Muitos conseguiram obter bolsas de estudo e custearam o ensino superior. Outros usaram seus lucros oriundos das vendas e direitos autorais da obra *The Freedom Writers Diary* para ajudar a pagar a faculdade. Maria Reyes, que é a personagem Eva, interpretada pela atriz April L. Hernandez, viajou pelo país falando sobre sua história e de como enfrentou adversidades para fazer a coisa certa testemunhando judicialmente contra os membros de sua própria gangue. O que era apenas uma sala de aula se tornou uma Fundação que ajuda outros milhares de professores e jovens pelo mundo.

Considerações finais

Escritores da Liberdade não apresenta um estilo engessado pelo gênero que retrata filme que possuem professores como protagonistas, tal como Sociedade dos poetas mortos, ou Escola da vida. Não vemos um professor autoritário como Meu mestre, minha vida, e pouco menos temos um professor do estilo inovador do Ross, do filme A onda. A narrativa sobre Erin se sustenta em um tipo de ensaio humanista sobre as relações de ensino. A protagonista segue a cartilha do ensino convencional e a metodologia não surta os efeitos esperados. O posicionamento de Erin diante da situação se baseou, sobretudo, numa relação ética e política para com seus pupilos. A função docente não se processa apenas por marcas de autoridade, mas também pela sensibilidade e senso de inovação. É uma posição constantemente testada com a vida cotidiana da escola, o docente é alvo de resistências, incompreensões e críticas.

A experiência didática e a posição ética do professor é um ato político e todo ato político requer liberdade para sua existência. Podemos por fim concatenar a metodologia de Erin Gruwell com alguns preceitos esboçados pelo educador brasileiro, Paulo Freire (1999). Este que fez uma crítica contundente ao formato da educação tradicional no Brasil, defendendo o que seria necessário para uma educação voltada para a responsabilidade social e política. O autor anotava que era preciso um ensino que colocasse o diálogo com o outro, mediado por uma visão crítica e não passiva. A concepção freiriana do processo pedagógico de educar o sujeito histórico dever ser politizado, e nessa interlocução a pedagogia e o conhecimento perpassado pela escola não ocupam lugares neutros, e por isso o professor não deveria ficar no limbo da neutralidade sob pena de não construir um pensamento crítico. A escola é espaço construído por processos políticos, pois está inserida, ao

mesmo tempo em que se autoreproduz, em complexas relações sociais, as quais nenhum docente deve ficar passivo, tal como Erin Gruweel se colocou em sala de aula.

FICHA TÉCNICA

Escritores da Liberdade (Freedom Writers). Alemanha e Estados Unidos, 2007, 122 min. Dirigido por Richard LaGravenese.

Referências

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CORREIA, Adriano. O pensamento pode evitar o mal? In: *Rev. Educação: Hannah Arendt pensa a educação*. São Paulo: Segmento, n.4, 2006.

CRITELLI, Dulce. O ofício de pensar. In: *Rev. Educação: Hannah Arendt pensa a educação*. São Paulo: Segmento, n.4, 2006.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

SIMMEL, G. Simmel: *Sociologia*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1983.

Recebido em: 29 de março de 2019

Aceito em: 04 de junho de 2019